



# ORA!



## À moda antiga



**Barbeiros como  
Ângelo Branquinho  
lembram histórias  
de quando os  
salões viviam  
sempre lotados**

PÁGINA 7



**ENTREVISTA DA EDIÇÃO (PÁG. 12)  
Causos da antiga rua  
Direita narrados por seu  
Mário e dona Aparecida**

museu da  
oralidade  
.org.br



# Ofícios: a dança das cadeiras

*Você sabe o que é um carapina? Adiantamos que é um profissional dos tempos em que roupa de homem era feita pelo alfaiate, com os panos produzidos pelas tecedeiras. Partos eram assunto para parteiras e as guloseimas mais deliciosas sempre tinham um toque secreto da doceira. Tempo em que, quando alguém carecia de um carro de boi forte e durável, procurava um carapina.*

*Mesmo sem recuar muito no tempo encontramos ofícios que deixaram de existir graças às modernidades. Processos como a urbanização, a industrialização e o desenvolvimento tecnológico aceleraram a dança das cadeiras das profissões nos séculos XIX e XX, modificando hábitos sociais e selando destinos.*

*Pensando nisso, Ora! visitou profissionais cujo o ganha-pão está em vias de extinção. Fomos ouvir os barbeiros, bastiões da masculinidade, cujos ofícios estão entre os ameaçados. Perdem campo à medida que aparelhos com lâminas independentes para um barbear mais rente e suave chegam aos supermercados e novos astros do futebol surgem ostentando cortes antiéticos para os rigores fundamentalistas dos salões para “barba e cabelo”. E com eles míngua um tradicional celeiro do anedotário, popular e das fofocas locais. Afinal de contas, existe lugar melhor para botar a conversa em dia do que cadeira de espera do barbeiro?*

*O movimento é inevitável. O embate entre as profissões tradicionais e a modernidade é natural. Porém, estes ofícios ainda tem muito a nos oferecer, sobretudo no que diz respeito à memória e à identidade cultural da nossa comunidade. Um pouco disso é o que você encontra nessa edição de Ora!.*

*Boa leitura!*

A equipe

**ORA! 3**

## PITACOS

### COMENTÁRIOS DOS LEITORES QUE CHEGARAM À REDAÇÃO DE ORA!

“Quero contar um caso: ontem, fui visitar minhas tias, irmãs do meu pai, Rizza, Rilma e Rione. Estávamos conversando quando chega a tia Rione, com cara de que tem uma surpresa e tchan, tchan, tchan... “isto aqui é ouro!”, e apresentou a Revista do Museu da Oralidade, ORA! Achei o máximo e vi como, de fato, a questão cultural, memória, vida e casos são coisas importantes na vida das pessoas e elas dão valor.”

Ana Alexandrina Sant'Anna (Raninha)  
Três Corações (MG)

“A revista Ora! é um trabalho exemplar, tanto gráfico quanto no resgate da história de um setor, no caso a RFFSA.”

José Carlos Moutinho  
Rio de Janeiro (RJ)

Envie seu pitaco para [ora@viraminas.org.br](mailto:ora@viraminas.org.br).

**Ora!** é uma publicação do Ponto de Cultura Museu da Oralidade. **Realização** Viraminas Associação Cultural. **Presidente** Bianca Bertamini Gomes. **Tesoureiro** Paulo Sixto Coutinho Falcão. **Secretário** Randolpho Cavalcante Albuquerque Reis. **Jornalista responsável** Paulo Morais (MTb 07996MG). **Projeto gráfico e editorial** Kutuco Editora e Produtora Cultural. **Apuração e redação** Paulo Morais, Andressa Gonçalves, Danielle Terra e Ronildo Prudente. **Revisão** Renato Brito **Fotos:** (1) Paulo Morais, (2) Danielle Terra, (3) acervo de família e (4) divulgação.

Toda a revista é elaborada em software livre. A distribuição da **Ora!** é gratuita. **Onde encontrar:** Museu da Oralidade, Casa da Cultura Godofredo Rangel, Biblioteca Pública de Três Corações.



Cultura



Ministério da  
Cultura



O conteúdo desta publicação pode ser reproduzido para fins não-comerciais, desde que citada a fonte.

## **ORA! INDICA**

VÍDEOS, LIVROS, TEXTOS E SITES QUE  
VOCÊ VAI GOSTAR DE CONHECER



(4)

### **COLEÇÃO REVELANDO OS BRASIS - ANO IV**

O Revelando os Brasis é um programa de incentivo à criação audiovisual em cidades brasileiras com menos de 20 mil habitantes. A coleção do ano IV é integrada por sete DVDs. Seis deles trazem 40 documentários e ficções, distribuídos nos discos Lugares, Personas, Ofícios, Memória, Imaginário e Ficções. O sétimo DVD traz um rico material extra com cenas das oficinas audiovisuais no Rio de Janeiro, do Circuito de Exibição nas Cidades, depoimentos e fotos, além do Programa Raio X Petrobras - que revela os bastidores do projeto ao acompanhar a participação de uma das autoras selecionadas - e um fragmento do longa-metragem "Interiores", documentário sobre o Revelando os Brasis.

### **COLEÇÃO CLÁSSICOS EM CORDEL (EDITORA NOVA ALEXANDRIA)**

Grandes clássicos da Literatura brasileira e universal em premiadas recriações numa coleção que reúne alguns dos maiores nomes do Cordel contemporâneo. A obra é acompanhada por um paratexto com a época retratada na história e faz uma ponte entre o texto original e o Cordel. Histórias como A Escrava Isaura e O Conde de Monte Cristo ganham contornos divertidos e recheados de ilustrações.

**ORA! 5**



(4)

### **PELÉ - MINHA VIDA EM IMAGENS (EDITORA COSIC NAIFY)**

Com um sincero depoimento autobiográfico, pontuado por mais de 70 imagens, entre raras e inéditas, o livro Pelé: Minha Vida em Imagens condensa a narrativa mítica do garoto franzino de Três Corações que se transformou no maior jogador de futebol de todos os tempos. Em formato de álbum de recortes, o volume traz uma série de itens de colecionador que podem ser destacados e guardados pelo leitor, como ingressos dos principais jogos, o cartaz da Copa do Mundo de 1958, recortes de jornais da época e até um ofício da Casa Branca que trata da visita de Pelé ao presidente Nixon.

### **Ô FIM DO CEM, FIM (PAULO MARQUES DE OLIVEIRA, VEREDA EDITORA)**

Livro de fotografias de páginas com textos e desenhos do notável Mestre Pedro Paulo, ou Paulo Marques de Oliveira, um autor que se intitula "astrofísico, teólogo e prefulgenciado" e que garante "quem ler este livro; não ficam arrependido...porque é um livro que intende de tudo que existe dentro da ôca universal...ao qual os insinos são coisas que esta geração nunca vio falar." 

Todas as obras indicadas nesta coluna são encontradas na biblioteca do Museu da Oralidade.

**6 ORA!**



Ângelo, do Salão Líder, em sua cadeira Ferrante de 1960: "custou 60 mil cruzeiros" <sup>(1)</sup>

## MATÉRIA DE CAPA

# Modismos vão, eles ficam

“Começou como Salão Trianon, mas isso já foi há um tempo (risos). Isso foi na praça do Pelé, ali no seu João da Dona Iraci. Depois viemos para o Salomão, depois mudamos para o seu Jamil, fiquei 51 anos no prédio do seu Jamil Auad, na esquina da praça. Era o Salão Líder”, conta, sentado na cadeira Ferrante modelo especial comprada em 1960 em São Paulo, o barbeiro Ângelo Branquinho. Por mais que o tempo passe, que a história acumule mais e mais lembranças e que os clientes antigos deem lugar a filhos e netos, salões como o Líder, atualmente instalado em uma loja do piso térreo do edifício Iabrudi, no centro de Três Corações, ainda parecem estar no tempos em que os cabelos

compridos dos cantores de iê-iê-iê começavam a fazer a cabeça da juventude.

Caçula de quatro irmãos, todos barbeiros, e nascido em 1939, Ângelo aprendeu o ofício observando o trabalho dos mais velhos no salão da família. “O primeiro que começou como barbeiro foi o José Sizenando. Ele aprendeu com os barbeiros da cidade. Antigamente aprendia assim, uns com os outros”, lembra Ângelo. Os outros irmãos, por sua vez, tiveram mais oportunidades de conhecer a profissão. Nos primeiros passos da carreira, o atual mandatário do Salão Líder frequentava cursos em São Paulo, algumas vezes junto com os irmãos. Com o tempo, os sócios acabaram se especializando e ampliando a clientela da casa. “O Antônio fez vários cursos em São Paulo, fez curso de esteticista, tinha cliente até em Belo Horizonte. Ele preparava uma noiva e deixava no último gosto”, conta.

No auge do movimento, o Salão Líder se dividia na ala masculina, onde Ângelo trabalhava, e a feminina, comandada pelo irmão Antônio. Ambas muito bem frequentadas, garante o remanescente da família no ramo. “Toda a sociedade, a população tricordiana, frequentava lá. Meus amigos, fregueses, juiz de direito, advogado, deputado, vários prefeitos. Mas, para mim, todos os fregueses são muito importantes, sem eles eu não tinha como funcionar”, pondera o barbeiro. “Era um ponto de encontro, as pessoas vinham conversar sobre coisas do dia a dia, fofquinhas”, lembra.

Trabalhar com irmãos não era coisa muito rara em se tratando de barbearias. O barbeiro Mauro de Paiva, que atualmente comanda sozinho um salão à moda antiga na rua Moacir de Rezende, no centro de Três Corações, também ingressou na profissão seguindo o caminho do irmão mais velho, Paulo. “Minha profissão sempre foi barbeiro, eu trabalho de barbeiro desde os 14 anos, estou com 56 anos de profissão. Aprendi no salão do seu Américo Naves com meu irmão, que era barbeiro dos bons, pois ele aprendeu com os melhores barbeiros de Três Corações. Um deles era o Jorginho. Todos os dois hoje são falecidos”, lamenta Mauro.

Assim como também iniciou em família, Mauro traçou uma trajetória semelhante à dos Branquinho, peregrinando por alguns pontos da cidade. Depois de trabalhar no salão do Américo Naves, montou um salão na avenida Virgílio de Melo Franco, que funcionou por 36



Acima, barbearia do Dunga. Abaixo,  
detalhes dão toque antigo a salões de hoje

(3)

(1)

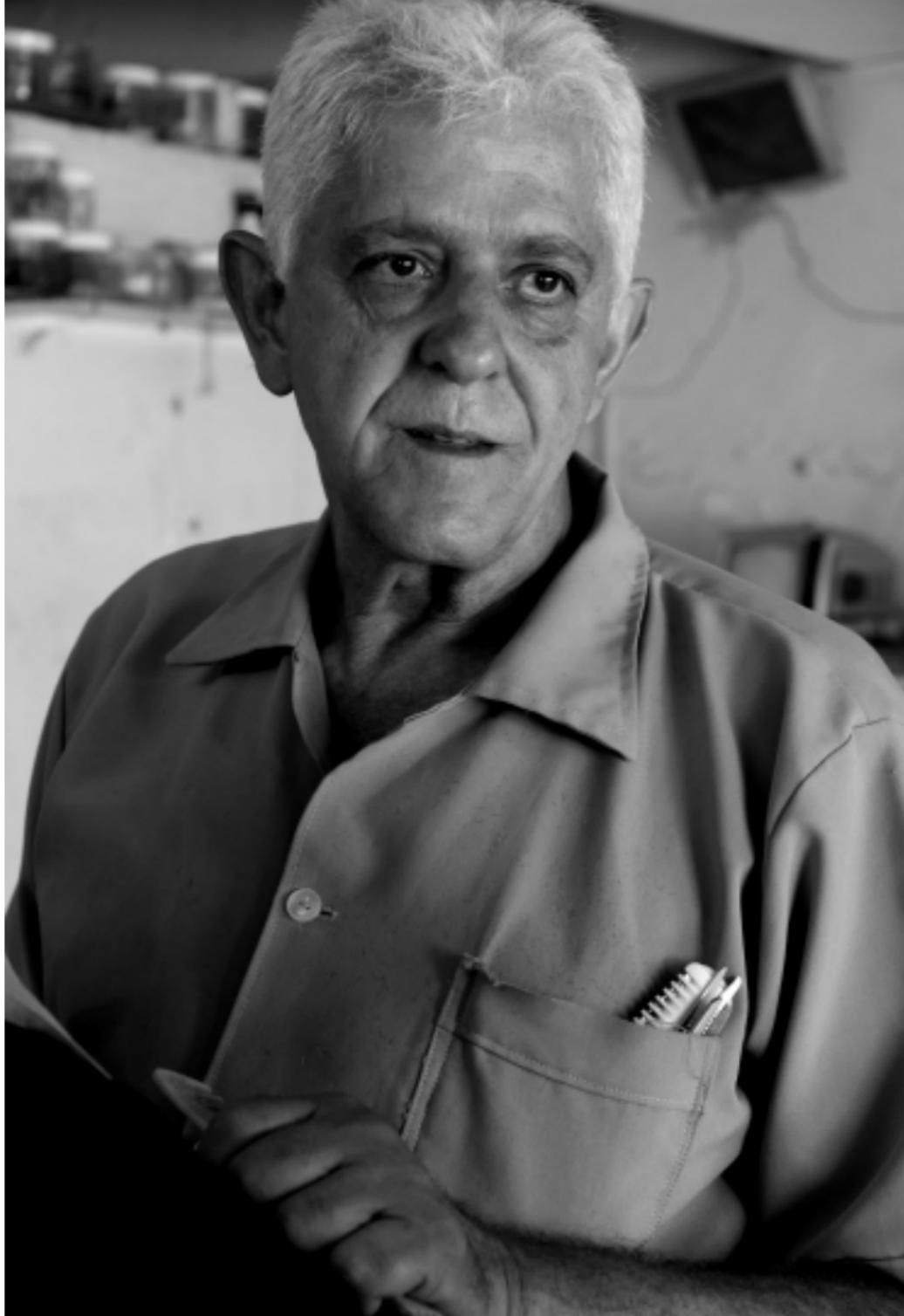


anos, antes de se mudar para o local atual, aberto há dez. As mudanças e o passar dos anos, no entanto, não tiram o charme de uma barbearia das antigas: cadeira de ferro acolchoada e forrada em couro vermelho, pincéis de barbear, pentes e escovas sistematicamente postos em ordem na bancada sob o espelho, acompanhados de navalha e alguma variedade de cremes para pentear em embalagens transparentes.

O mesmo estilo decora o salão do barbeiro Roberto Silva, que há 40 anos mantém sociedade com o colega Itamar. Roberto lembra que aprendeu a arte de cortar cabelos com um ainda famoso barbeiro da cidade, Benedito Ribeiro, o Dunga, conhecido na cidade pela amizade que mantinha com João Ramos do Nascimento, o Dondinho, pai de Pelé. O pai de Dunga, José Alves Ribeiro, também exercia a profissão, que também a repassou a outro filho, José, conhecido como José Bugarudo. “Quando eu tinha 14 pra 15 anos, meu pai me falou que eu tinha que aprender alguma profissão, não podia ficar sem nada. Então eu resolvi aprender a ser barbeiro e aprendi com o seu Dunga. Ele era um barbeiro famoso, jogava futebol, jogou até com o pai do Pelé”, reafirma Roberto.

**TEMPOS MODERNOS** Apesar do aspecto de museu, comum às barbearias que resistem ao tempo, alguma coisa de novidade tinha que vir além das mudanças de calendários na parede. “A gente não tinha máquina elétrica, tinha a maquininha manual. A moda era cortar o cabelo bem baixinho. Demorava demais e até doía a mão da gente”, lembra Roberto. Junto com cada cliente que senta de frente para o espelho, as modernidades dos apetrechos elétricos foram, aos poucos, revelando outras mudanças de comportamento. “Tinha alguns clientes que pagavam fiado. Mas era gente honesta, que todo mês ia lá e pagava. Hoje acabou isso. Cliente nosso, deve ter morrido uns 200 já. É coisa da vida”, sacramenta o barbeiro.

Nos idos de hoje, barbearia não é um ramo muito procurado pela juventude. Embora existam diversos cursos, o trabalho é diferenciado em relação ao praticado nos antigos salões masculinos. Além das modas passageiras, os homens estão se tornando mais vaidosos e buscando serviços



Mauro aprendeu o ofício com o irmão

semelhantes aos padrões exigidos pelas mulheres. “Antigamente não tinha esta vaidade. Hoje inventaram muito creme, muito xampu, muita coisa. Os homens ficaram muito mais vaidosos”, atesta Ângelo.

Mas, se as mudanças poderiam tê-los desanimado, os barbeiros garantem que o amor à profissão é o que prevalece. Tanto que já tiveram oportunidade de sair do ofício, mas preferiram ficar. No caso de Mauro, atuou paralelamente na barbearia e na rádio, onde trabalhou como locutor nos programas noturnos Lembrei-me de Você, Páginas Escolhidas e Ritmos de Boate. Ângelo chegou a se formar na faculdade de Letras, em Três Corações. Mas ambos mantiveram-se firmes na barbearia, resistindo aos modismos das décadas de experiência que foram se sucedendo. “Barbearia tá um negócio meio extinto”, finaliza Ângelo. 🌀

## PERFIL MARIA APARECIDA E MÁRIO

# "Meu pai era o médico dos pobres"



**V**ocê, que chegou até esta entrevista, pode parar de ler um pouquinho? Não que a gente não queira que você a leia, muito pelo contrário. É que este dedo de prosa com o casal Mário Carneiro Junqueira e Maria Aparecida de Andrade não merece ser lido se não for acompanhado de uma xícara de café bem quentinha. Então pare um pouco, pegue seu cafezinho e venha saborear um pouco da história deste casal que mora há 60 anos no alto da rua Getúlio Vargas, um dos poucos redutos do centro da cidade onde as construções preservam a tradicional identidade tricordiana. Uma pena que a entrevista não cabe inteira por aqui, mas você pode conferir a íntegra no acervo do Museu da Oralidade.

Ora! - A senhora nasceu em Três Corações?  
Maria - Não, eu sou carioca, nasci no Rio. Mamãe dava aula e foi me ter lá. Ela tinha problema de pressão muito alta, então eu fui nascer lá. A mamãe era carioca, mas era filha do seu (Manuel Cipriano Franco da) Rosa, que foi o primeiro diretor do grupo (atual Bueno Brandão). Ele veio do Rio, acabou sendo diretor do grupo e trouxe a família, eram 11 filhos. Aí mamãe ficou, casou com um farmacêutico, o seu Luciano, ali tinha uma farmácia. E abriu o Externato Santa Cândida, era ótimo, teve até o quinto ano.

**12 ORA!**

Ora! - A senhora é mais nova que o seu marido?

Maria - Eu sou, eu nasci em 1927 e ele em 22. Eu nasci no Rio mas logo eu vim, acho que com cinco anos, fiquei lá crescendo um pouco. Ela tinha uma queda muito grande de lecionar. Todo mundo passava pelo colégio dela, depois passava pro ginásio direto, porque já estava preparado.

Ora! - O senhor veio para Três Corações quando?

Mário - Em 1934, vim estudar aqui, eu sou lá de Conceição do Rio Verde. Meu pai era agricultor, tinha fazenda. Lá não tinha ginásio, só tinha colégio primário, aí eu vim fazer o ginásio aqui. Da minha turma de ginásio já morreu quase tudo. Aqui ainda era o 4ª Regimento de Cavalaria quando eu vim para cá.

Ora! - Quando o senhor veio para cá, onde o senhor morou?

Mário - Eu morava no ginásio, era internato. Era mais ou menos uma média de 30 alunos em internato. A gente fazia bagunça. Aí desmancharam a parte de cima do colégio. Eu saí daqui em 1940. Os professores eram muitos bons.

Ora! - Na sua época de ginásio, a senhora também estudou lá?

Maria - Estudei. Meus colegas de turma eu me lembro, o Geraldinho do seu Zequinha Cota, o José Caldeira ali de cima, e tinha muitos de fora. A gente se dava mais com os colegas daqui mesmo, o José Caldeira, tinha umas meninas também. Eu não sei muito, porque a gente ia embora pra a casa e não tinha este costume de frequentar as casas dos outros. O Geraldo era meu vizinho de frente, então este era mais fácil, o José Caldeira também era chegado, ele descia, conversava, tinha que passar aqui para ir lá para baixo. O resto ficava mais isolado, encontrava mais era na sala mesmo.

Ora! - Nessa época, a senhora já morava nesta casa aqui?

Maria - Não, a casa foi feita 1949. O Juscelino Kubitschek hospedou aqui em 1950. Ele veio fazer campanha política. Aqui em casa ele não ficou, ficaram os comparsas dele. Ela era novinha em folha e eles pediram para ficar aqui. O seu Cornélio, que era meu avô e prefeito, arrumou esta casa,

por conta da cabeça dele, porque ele já era bem de idade e deixou os companheiros do Juscelino ficarem aqui. Eles deram um baile para ele, foi um baile muito bom. Ele era alegre.

Ora! - A escola da sua mãe era aqui em frente?

Maria - Tinha um sobrado antigo e a farmácia era ali (esquina da avenida Getúlio Vargas com rua Aída Rosa), do jeito que tá até hoje, só que tinha um balcão, era exatamente ali as portinhas, as que abriam eram só estas mesmo. Meu pai manipulava lá no fundo.

Ora! - O pai da senhora era daqui?

Maria - Ele era filho do seu Cornélio, morava lá em cima (perto da igreja matriz). Embaixo da casa era o seu Arthur Machado, que fazia roupa de alfaiate, e em cima a gente morava. Foi uma ocasião que explodiu uma locomotiva, veio parar coisas na praça, então a gente falava: “agora a casa vai cair”! Porque era uma casa muito velha, a gente ficou com medo. Hoje não existe a casa, desmanchou, agora é as casas dos oficiais. Era uma casa amarela, tipo casa antiga. Tinha um terreiro para a casa de baixo e tinha um terreiro nosso, que ia até a igreja, até na praça mesmo.

Ora! - O pai da senhora que fazia remédios?

Maria - É, ele era muito respeitado, era o médico da cidade inteirinha, todo mundo procurava ele. Ele era o médico dos pobres, eles vinham tudo aqui. Quando um médico dava a receita e vinham aqui para comprar os remédios, ele olhava, olhava, e dizia: “isto aqui tudo é palhaçada!” Acabava com a receita e ele mesmo dava o remédio. O doente tava caindo em pé de pobre, ele escrevia nas costas da receita: “é isto aqui que eu to receitando para você, um xaropinho, tá bom?” Os clientes falavam: “seu remedinho foi um porrete!” (risos)

Ora! - Além da farmácia, da escola, o que que tinha descendo a rua nesta época?

Mário - Aqui a rua era de terra, tinha árvore no meio da rua. Aquela praça quem fez seu Cornélio, avô dela, desmanchou as casas tudo e fez a praça. Tirou a distribuidora (de energia) de dentro do jardim, que era dentro da praça. Ele tirou e pôs pra cá, onde é hoje.



## **Foi uma ocasião que explodiu uma locomotiva, veio parar coisas na praça, então a gente falava: “agora a casa vai cair”!**

---

Aí ficou o espaço maior, ajeitado.

Ora! - Quando o senhor terminou de estudar já ficou morando aqui?

Mário - Não, voltei pra fazenda, comecei a namorar ela bem depois. Foram nos bailes que começou o namoro. Eu casei em 1952, dia 22 de novembro de 1952.

Ora! - Antigamente, o que se fazia pra se divertir?

Maria - Era ali na praça, passeia na praça, rodava na praça, os homens para um lado e as mulheres pro outro, aí ia encontrando. Os homens vinham de cá, as mulheres vinham de lá, aí encontravam fácil. E os empregados tinha que rodar no passeio de fora da praça.

Mário - Tinha um cinema da praça do Inácio Resck. Ia na matiné. Eu gostava muito era de faroeste. Aquela igreja ali, tinha acabado de construir, quando eu cheguei aqui.

Ora! - Tinha futebol?

Mário - Tinha! Eu conheci o Dondinho, ele era um colosso do futebol. Ele era do exército. Eu não servi o exército. Eu conheci o Dondinho jogando futebol e ele jogava pelo time da cidade, o Atlético. Tinha o Oscar, que também era do exército, tinha o Orlando, que era do Banco do Brasil. O Hélio, de um banco também. O Dunga não jogou com o Dondinho, jogou bem depois. Os antigos já morreu tudo. O Dondinho gostava do Atlético, ele era centerfor. Tudo quanto era bola no alto, era gol na certa. Ele era bom de cabeça. 🌀

## PLANTAS MEDICINAIS

# A cura que vem dos quintais



Maria do Tobia: farmácia natural em casa

“Desde a idade de uns dez anos eu já gostava de mexer com essas coisas de plantar remédio. Plantava muda de erva cidreira, funcho, camomila, alecrim. Ê, mas hoje eu sou boa pra plantar o alecrim!”, comemora dona Nazaré Barbosa, 81 anos, de Luminárias. Nazaré foi a primeira a falar sobre o uso popular de plantas com propriedades medicinais para o levantamento sobre o tema desenvolvido para o Museu da Oralidade. A partir daí, cada quintal visitado e cada conversa à beira da horta tornava o desenrolar da pesquisa ainda mais interessante.

A partir de pesquisa entre moradores das comunidades de Luminárias e Carmo da Cachoeira, chegamos a algumas mulheres que fazem do uso das plantas um ritual cotidiano. Pois, nas cidades pequenas do interior de Minas Gerais, o hábito de cultivar no quintal de casa ainda é muito comum. Tradição passada de geração em geração, trazidas pelos antepassados, misturadas entre as várias culturas nativas e introduzidas no Brasil.

O engenheiro agrônomo catarinense Harri Lorenzi, em seu livro *Plantas Medicinais no Brasil: Nativas e Exóticas*, conta que “os primeiros europeus que no Brasil chegaram, logo deparam-se com uma grande quantidade de plantas medicinais em uso pelas inúmeras



Nazaré: "sou boa pra plantar alecrim!"

(2)

tribos que aqui viviam. Por intermédio dos pajés, o conhecimento das ervas locais e seus usos eram transmitidos e aprimorados de geração em geração.”

A facilidade de produtos industrializados, aliada ao avanço da medicina no interior, tem reduzido o interesse das novas gerações por este tipo de conhecimento. Antigamente, no entanto, conhecer os segredos das ervas e raízes era quase que uma obrigação. “Quando eu morava na roça, era difícil médico para levar as crianças, então eu dava chá caseiro. Tudo isso é ensinamento dos mais antigos, dos meus pais, avós, do meu bisavô. Hoje muita gente vai lá em casa perguntar”, conta a luminarenses Iracema Américo da Silva, de 64 anos.

Nas duas cidades pesquisadas, entretanto, ainda é comum observar pessoas caminhando com galinhos de arruda atrás da orelha ou indo à benzedeira. As senhoras abordadas nas entrevistas deixam escapar que, além de curar doenças, as receitas caseiras também tem fazer bem para a alma. “Quando a gente precisa tomar alguma decisão importante é só tomar um chazinho de cidreira ou tomar um banho de alecrim”, comenta Maria Auxiliadora Chagas.

No andamento da pesquisa de campo, tivemos a oportunidade de conhecer pessoas interessantes, como a Maria Madalena Ferreira, ou simplesmente Maria do Tobia. O quintal dela é repleto de plantas, e as cultivou sozinha e com lembranças de seus pais, que mantinham um conhecimento profundo sobre o uso das ervas. Em casa, Maria desidrata as plantas e as armazena em potes de vidro, organizados em estantes, numa espécie de farmácia natural. 🍵

Por Danielle Terra. Retire seu exemplar da cartilha sobre plantas medicinais no Museu da Oralidade

# GUIA CULTURAL

## SERVIÇOS E OPÇÕES NA REGIÃO

### ESPAÇOS CULTURAIS

#### Três Corações

Biblioteca Pública de Três Corações - Praça Odilon Resende de Andrade, Centro - (35) 3691-1085

Casa da Cultura Godofredo Rangel - Praça Coronel José Martins, 45, Três Corações - (35) 3691-1086

Espaço Cultural Duque de Caxias - também conhecido como Museu da ESA (Escola de Sargentos das Armas). Aberto de segunda a segunda. Av. Sete de Setembro, 628, Três Corações. (35) 3239-4000.

Museu da Oralidade - apresentações culturais às quintas-feiras às 19h. - Rua Padre José Bueno, 170. Centro, Três Corações. 3231-2690.

#### Sul de Minas

Cineclube Benedita - exibição gratuita de filmes quintas-feiras, às 19h. Av. Virgílio de Melo Franco, 481. Centro, Cambuquira. (35) 3251-3534

Museu Municipal de Varginha - Praça Matheus Tavares, 178. Centro, próximo à estação ferroviária. (35) 3690-2716

Museu Regional do Sul de Minas - Rua João Luís Alves, 26, Campanha. (35) 3261-4008.

### CURSOS E OFICINAS

Lu Sant'Anna Escola de Canto - Três Corações. (35) 8845-4484

Morada Natural - cursos de bioconstrução, permacultura e agroecologia, dentre outros, em Conceição do Rio Verde - distrito de Águas de Contendas. (35) 9113-5052  
[www.moradanatural.com](http://www.moradanatural.com)

Movimento Cia de Teatro - oficinas de percussão, teatro e cenografia, entre outros. Extrema (MG). (35) 3435-5782 - [movimentooficinacultural.org](http://movimentooficinacultural.org)

### SERVIÇOS

Coleta seletiva em Três Corações. Ampliação para os bairros Jardim América, Jardim Umuarama, Santana, São Conrado, Vila Rica, Parque São José, Jardim das Acácias e Jardim Orion. Recolhimentos às quintas-feiras, às 8h. A partir de 3 de maio.

Participe desta coluna. Envie indicações de cursos e serviços para [ora@viraminas.org.br](mailto:ora@viraminas.org.br)

## UM LUGAR FEIRA DO CRISTO



Produtores resistem à concorrência acirrada de sacolões e supermercados

## A feirinha nossa de cada dia

Toda cidade do interior que se preze tem na feira um dos principais pontos de encontro. Em Três Corações, não podia ser diferente. A feira da praça Monsenhor Fonseca, mais conhecida como Feira do Cristo, é um destes típicos lugares onde produtores, compradores e gente que só quer puxar assunto se encontram religiosamente. Flausina Rodrigues Borges, produtora de hortaliças, conta que monta sua barraca desde que o movimento começou: “Desde o primeiro dia da feira que eu tô aqui. Comecei perto do eucalipto, lá no Santa Tereza, eu e o Tião Custódio que começamos a feira lá. Eu tinha uma Kombi, ele tinha um caminhão. Tudo que é verdura, principalmente tomate, eu vendo”.



Os feirantes, em sentido horário: Flausina (acima), Olímpio e Rosângela

O tempo pode ter passado, mas o trabalho do feirante do Cristo ainda é como antes. “Eu saio cinco e meia de casa pra chegar aqui às seis. Eu e meus filhos plantamos. Meu terreno é um lá perto de Campanha e o outro é no São Bentinho. Eu planto feijão, milho, alface, pimentão, abobrinha, vagem, jiló. Eu aprendi nas cabeça mesmo, fui plantando de pouquinho aos pouquinho, foi aumentando e eu fui plantando mais. E mudou aqui que a praça era desarrumada, agora é boa”, lembra Flausina.

O passar das décadas traz também mudanças de comportamento dos clientes. Os feirantes reclamam da perda de espaço para supermercados e sacolões modernos, que tem nos cartões de débito e crédito o grande aliado para atrair a clientela. “O comércio caiu um pouco, antigamente era bem melhor. Eu acho que os sacolões da cidade fazem promoção e o pessoal compra tudo por causa do cartão, acho que por causa disso é que tá caindo a feira”, avalia a produtora Rosângela Marques, há 16 anos na Feira do Cristo.

O movimento pode até diminuir, mas os feirantes garantem que não deixam a peteca cair. “Na época que nós começamos a feira, eu vendia 15 caixas de mandioca por feira. Hoje não vendo meia. Vendia oito de tomate. Hoje não vendo uma. Nós estamos numa época difícil porque a maior parte do pessoal quer cartão. E pra nós vender no cartão, não compensa, o banco cobra uma porcentagem que a gente tem que tirar do freguês, isso pra nós não interessa”, explica Olímpio Henrique da Costa, feirante há 45 anos na

**20 ORA!**



cidade. “Nós vendemos no dinheiro vivo. Mesmo vendendo no dinheiro vivo o pessoal pode dar preferência pra nós”, completa.

E se ainda vale a pena comprar na feira? Com um bom papo de vendedor, Olímpio garante que sim. “Eu vendo tomate a um real, qualquer supermercado é R\$ 1,50. Eu vendo mandioca a R\$ 1,50. Qualquer supermercado é R\$ 2,50. Então compensa comprar com a gente”, argumenta o feirante. “Outra: mercadoria fresca, apanhamos ontem, trouxemos hoje. E é tudo com esterco orgânico, nada de agrotóxico. O pessoal pode vir aqui na feira que mercadoria nossa não dá câncer”, garante.



# O minino e a vaca

*Ô mais, ô sô, o tio Tasserge, casado com a tinha Coisinha, é um homi estorvado memo e num atolera foi-num-foi. O pió é que ele tem uma carniça dum fio, esses minino feito na menoparsa, disinchavido, sem parpíte. É o príncipi da tia Coisinha, o Desmeliélison.*

*Na casião que esse minino já tava com 25 ano, o tio Tasserge arranjô um serviço pr'ele lá na Varginha, pr'ele morá longe da tia Coisinha pra vê se ganhava ardênça na vida.*

*Aí eles foi pra Varginha arranjá uma morada pr'ele e combiná o serviço. O tio Tasserge tinha uma brasía verde. Ele ponhô drento dessa brasía a tia Coisinha, o Desmeliélison, três cunhado, uma vizinha gorda, inda deu carona prum camarada que já lá ia de a pé.*

*Na curvinha da Frora, uma iscuridão, a brasía mancava de um farór, e já lá ía no meio da estrada uma brutela duma vaca dessas que anda pro meio das pista. Do jeito que o tio Tasserge veio ele já tropelô essa vaca por traizi. Pois essa vaca minino, bateu a trasêra no capô da brasía, quebrô o vrido e entrô de ré pra drento da brasía, e ocêis sabe cumé que é criação quando leva susto né?*

*Já entrô cagano, aí foi aquela bostaiada misturada com grito de Nossa Senhora, vrido muído, Crendospai, sangue sarpicado pras cara, saiu todo mundo correno do tomóvi. A hora que eles óia drento do carro tava lá o Desmeliélison com um pataco de bosta de vaca tampano a cara interinha, nem os zóio dele dava pra vê. De repente essa carniça desse minino corre a mão na cara, chêra aquilo e tampa num berrêro apavorado:*

*— Rumpi o intistino , rumpi o intistino! — e já lá ia morreno por conta dele memo, só de pavô.*

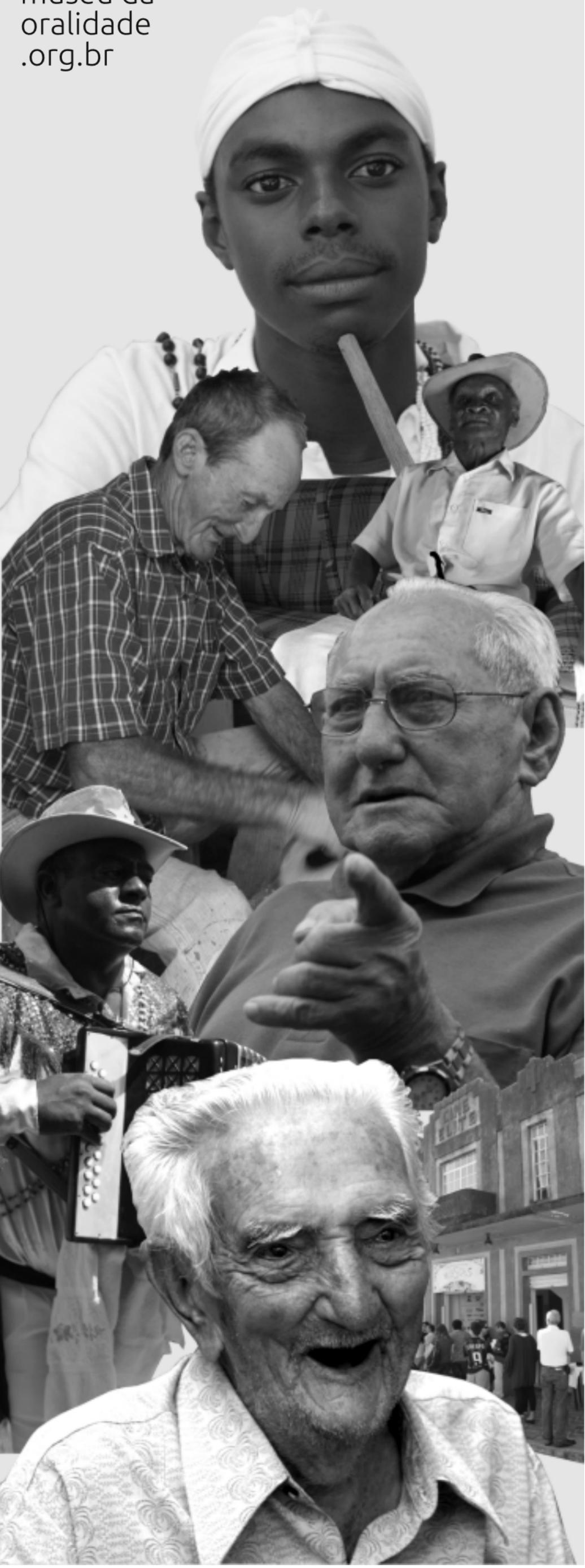
*Aí foi uma meia hora até eles consegui e expriçá pr'ele que aquela imundiça era da vaca, foi um disparate que só cabô quando os bombêro chegô, lavô tudo mundo com aquela manguerona pr'eles podê entrá na viatura e levá de vorta pra casa.*

*Resurtado, esse Desmeliélison largô de trabaiá e tá lá inté hoje minino, toda vez que vai no banhêro chama a tia Coisinha pra oiá se tá tudo em ordi com intistino dele.*

*É daí pra pió.*



museu da  
oralidade  
.org.br



EMPRESÁRIO TRICORDIANO

# chegou a sua vez de fazer a diferença



PROJETOS LEITURA NO  
ÔNIBUS, REVISTA ORA! E  
CHICO CICA: APROVADOS  
NA LEI DE INCENTIVO

Com a Lei de Incentivo à Cultura, o empresariado local pode deixar na cidade o ICMS que iria para o Governo. Basta, para isso, destinar seu imposto a um dos projetos aprovados para o ano de 2012. Venha à Viraminas e conheça como funciona o mecanismo. Sua empresa, os artistas e a cidade saem ganhando.

**INFORMAÇÕES: (35) 3231-2690**



ICMS - MG  
**Lei Estadual  
de Incentivo  
à Cultura**  
CULTURA/FAZENDA



**GOVERNO  
DE MINAS**

CULTURA